

FOLGUEDOS NATALINOS

TAIEIRAS

THEO BRANDÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Museu Théo Brandão

*REITOR: Prof. Manoel Machado Ramalho de Azevedo*

*VICE-REITOR: Prof. João Azevedo*

*PRÓ-REITORES:*

*Prof. José Medeiros (Assuntos Estudantis e Comunitários) .*

*Prof. José Damasceno Lima (Assuntos Acadêmicos)*

*Prof. Audálio Cândido dos Santos (Assuntos de Planejamento)*

*CHEFE DE GABINETE: Prof. Elias Passos Tenório*

*DIRETOR DO MUSEU THÉO BRANDÃO: Prof. Fernando Lôbo.*

Coleção Folclórica da UFAL

Museu Théo Brandão, de Antropologia e Folclore

Convênio: MEC - DAC - PAC - UFAL - MTBAF

## APRESENTAÇÃO

Uma apresentação para os trabalhos de Théo Brandão não deveria ser elaborado por um mero admirador de sua obra. Exige conhecimentos. Exige o sangue dos que dançam com o corpo e a alma sob os ritmos populares. Exige aquele embalo da viola chorona, do verso improvisado inteligentemente, das cores dos seus mateus, dos seus palhaços, das suas pastorinhas, dos seus... personagens que abastecem o quadro folclórico de Alagoas.

Não tenho a garganta para as cantigas de abrição, de louvação ao dono da casa. Ignorado nos "entremeios", no máximo enveredo pela gulodice "dos pés de moleque, nos cuscus, de massa puba e de milho molhados com leite de coco, nas cocadas de coco verde, nos amendoins torrados, nos roletes de cana, nos pacotinhos de farinha de milho", (1)

Mas, atocaiado, o jeito que há é obedecer.

"Te ajoelha Guerrêro,  
Vai cumprí a tua sina,  
Botemo joelho em terra  
Vamo rezá o Divino". (2)

Pois, sendo "papa-sururu", nunca afastado das margens lamacentas da Mundaú, não deixei de ser o índio que embora cansado, abatido, "mas ainda duelando, ora de joelhos, ora detado, aos embolêus, espada na mão", (3)

"Eu fui preso nesta aldeia  
Numa grande disciplina  
Numa roda de navaia  
Vou cumprí a minha sina". (4)

Théo Brandão é um patrimônio desta terra. Sua dedicação à cultura alagoana fá-lo imorredouro (se a ingratidão não incluiu entre tantos levados pela memória de Augusto Vaz Filho).

Daí, toda uma preocupação que possui a Universidade Federal de Alagoas em tomar a iniciativa de implantar o seu Museu

de Antropologia e Folclore, como uma contribuição efetiva e permanente ao desenvolvimento sócio-cultural de Alagoas. Não mais uma instituição como tantas outras que morreram de inanição, marcando sua passagem entre nós, apenas, com o fogueteório do nascedouro.

E o Museu, diferentemente dos que muitos possam entender, um órgão dinâmico. Não se constitui num mero depósito de material. Há um papel importante a desempenhar para o desenvolvimento de estudos, pesquisas sem se esquecer, evidentemente, da extensão, junto à comunidade.

Não se há de entendê-lo com simples promotor de exposições, nem se resumir num estimulante no alarido esfuziante dos folguedos que promove, porém compreendê-lo como instrumento pragmático, inclusive. Capaz de servir adequadamente para o "estudo do homem e de suas obras".

Já os antropólogos antigos "estavam imbuídos da convicção de que o conhecimento das culturas humanas daria vantagens práticas aos homens - na redução da crueldade, miséria e ignorância". (5)

Várias iniciativas já foram tomadas para instalação de um Museu nesta área. Inclusive projeto foi apresentado na Câmara dos Deputados. (6)

Acredito, profundamente, na importância do Museu Théo Brandão e no seu relevante papel.

Orgulha-me (desculpe-me a imodéstia) ter sido um dos responsáveis pela sua implantação. Fi-lo por dois grandes motivos. Primeiro, não se pode deixar morrer esse grande potencial folclórico alagoano, riquíssimo. Segundo, uma admiração profunda por este grande homem e cientista Théo Brandão. Se me é permitido um conselho, faço carecendo aos intelectuais alagoanos, aos homens públicos e à comunidade que sejam capazes de compreender a valiosa contribuição que esse Museu Théo Brandão poderá prestar ao engrandecimento de Alagoas. (7)

Maceió, janeiro de 1976.

JOÃO AZEVEDO

1. BRANDÃO, Théo - O GUERREIRO. DEC.  
— *Avulsos do Folclore de Alagoas*  
Maceió, 1964 - p.07

2. Idem, p. 16

3. Idem, p. 30

4. Idem, Idem, p. 30

5. PELTO, Perit J. — INICIAÇÃO AO ESTUDO DA ANTHROPOLOGIA  
— Tradução Waltensir Dutra. 2ª ed. Zahar  
Ed. Rio. 1971 — p. 30

6. AZEVEDO, João. — Síntese. Gazeta de Alagoas, 13.11.1964.

7. AZEVEDO, João. — Síntese. Jornal de Alagoas, 30.11.1975.

## AS TAIÊIRAS

Talvez seja São Miguel dos Campos, na zona da mata de Alagoas, o último lugar no Brasil onde ainda se tenha realizado um antigo folguedo de mulatos — a *Dança das Taiêiras*.

Registrado no século passado na Bahia e no Rio de Janeiro por Teófilo Braga e em Sergipe (Lagarto) por Sílvio Romero, julgava-se, até há poucos, que afora esse último Estado, onde ainda aparece esporadicamente, segundo o testemunho de José Calazans Brandão da Silva, não mais existisse ou mesmo tivesse existido, em outros lugares, o folguedo das Taiêiras.

Contudo, em Alagoas, também se dançaram elas, segundo os depoimentos de Nicodemos Jobim (Anadia) e Aloízio Vilela (Viçosa) e, nos dias atuais, no município de São Miguel, onde as foi descobrir e divulgar o Cônego Júlio Albuquerque.

Folguedo antigo na região, sua ensaiadora atual, D. Alberta, conserva uma tradição que vem dos seus avós, negros da Costa, havendo-o aprendido da preta Madalena que a criou, por morte de seus pais, e que fôra, ela própria, a Rainha das Taiêiras ao tempo da Escravidão.

As Taiêiras de São Miguel costumavam apresentar-se não somente por ocasião do período natalino, mas igualmente em duas outras datas que lhe ficam próximas: a 18 de dezembro, Festa de Nossa Senhora do Ó, padroeira da Cidade, e a 20 de janeiro, festa do Mártir São Sebastião, outra grande festividade religiosa local.

Os ensaios, iniciados dois ou três meses antes do Natal, em casa da ensaiadora, congregavam meninas e meninotas, morenos e pardas, de condição modesta, filhas de domésticas, lavadeiras, trabalhadoras rurais, de 3 a 15 anos de idade.

Nos dias de exibição pública mudavam-se para um palanque armado em frente da casa da ensaiadora: tablado de madeira com um e meio metro de altura, coberto de samambaia ou palha da palmeira ouricuri, enfeitado de bandeirolas de papel de seda encarnado e azul.

Ao folgado, cuja exibição é gratuita, assiste-se de pé, em tórno do palanque, enquanto uma pequena "festa" reúne-se em derredor; velhas e meninos vendem doces regionais, roletes de cana caiana, amendoim torrado, grogues etc... A assistência é a comum dos outros folguedos do Estado, mas, vez por outra, aparecem pessoas de mais prol da cidade: o vigário da Freguesia, velhos conhecidos, fregueses e amigos de D. Albertina.

Os personagens do folgado são: o Rei, a Rainha, o Mateu, a Catirina, a Crioula e o figural — as "africanas", como as denomina D. Albertina. Os quatro primeiros trajam-se e caracterizam-se como os personagens do mesmo nome e função dos Reisados e Quilombos. A *Crioula é uma boneca*, como dos Maracatús, com metro e meio de comprimento, feita de cortiça, pintada de preto e ricamente trajada como "baiana": torço, voltas, colares, cabeção rendado, saia rica rodada, etc. É escultura antiga, sendo considerada a verdadeira "dona do brinquedo". Conduzida por um menino, neto da ensaiadora, não possui nome próprio como a dos maracatús. É simplesmente — *A Crioula*.

As "figuras" ou Africanas se dispõem em dois cordões, como nos Pastoris e Baianas — um do azul e outro do encarnado. Vestem saia rodada, mas sem arame, em ciré azul ou vermelho, xale da Costa atravessado nos ombros e cruzado à cintura, blusa branca rendada, torço azul ou encarnado, anáguas engomadas para armação das saias. E, além disso, enfeites, colares, pulseiras de aljôfar e contas de "Maria Pia".

No palanque, ao dançar, colocam-se à frente o Rei, a Rainha e a Crioula e atrás das africanas o Mateu e a Catirina.

Antes, contudo, de aí se exibirem, desfilam até a Igreja Matriz próxima, onde vão "salvar" os santos, particularmente o seu São Benedito, patrono do rancho.

Antigamente, quando ainda existia a pequenina igreja de N. S. do Rosário, aí iam por "obrigação" "salvar" o santo no altar onde então "morava" a imagem de S. Benedito.

Ao marchar para a Igreja Matriz, cantam e dançam, aos saracoteios e requebrados:

*Taiêiras do Pôrto  
Foi quem nos guiou,  
Estrela do céu  
Foi quem nos coroou*

*Dançaí, taiêirinhas,  
Na ponta do pé,  
Fazei cortezia  
Ao sinhô São José.*

*Ô maninha, disse-me  
Porque não cantais,  
Me vejo cansada  
Já não posso mais*

Chegado o rancho à porta da Igreja, a Rainha, em tom declamatório, profere a saudação ou "embaixada":

*Estamos na porta da Igreja  
Vamos lová meu Jesus,  
Com gôsto e sastisfação  
Vamos nós, as Taiêirinhas,  
Alegrando os coração.*

A aboiarem, respondem, o Mateu e a Catirina.

— E, ê, ê, ô

Em seguida, todo o rancho canta, ajoelhado no átrio, a louvação:

Solista:

*Deus vos salve, casa santa,  
Onde Deus fez a morada,  
Onde mora o cálix bento  
E a hóstia consagrada:*

Coro:

*Arrelelê, arrelelê,  
Arrelelê, ô mãe de Deus!*

Solista:

*O Sinhô Pade Vigário  
Licença venho pedi,  
Aqui na porta da Igreja  
Queremos nos divertí.*

Coro:

*Arrelelê, arrelelê, etc.*

Cantadas mais algumas estrofes, a Rainha ordena:

— Levanta, minhas filhas, vamos lová a Jesus!

E, no altar-mor, repetem as louvações que, ao final, terminam defronte da imagem de São Benedito, onde cantam:

Solo:

*Meu São Benedito  
Que do má viesse,  
Domingo chegasse  
Que milagre fizesse.*

Coro:

*Olê, olêlê, olê, olêlê,  
Olêlê, por amor de Deus.*

Solo:

*Lá vêm as Taiêiras  
Do combro da praia,  
Trazem cana verde  
Em lugá de paia.*

Coro:

*Olê, olêlê, etc.*

Solo:

*Virge do Rosário,  
Sua casa chêra,  
A cravo e a rosa,  
Flô de laranjêra.*

Coro:

*Olê, olêlê, etc.*

Terminadas as devoções, entoam a mesma cantiga de rua: Taiêiras do Porto, e se encaminham para o palanque ou para as casas de família, onde tenham acertado dançar.

E, então, começam as danças, propriamente ditas, dispostos os cordões, como já foi assinalado. Como D. Albertina tenha perdido algumas cantigas que se encontravam nos cadernos do seu pai, não se lembrando a preta Madalena mais das respectivas músicas, a ensaiadora, a fim de aumentar o seu repertório de danças e canções, adaptou cantigas que ela chama de xangô, mas que realmente são xangôs de rádios e de discos, como se pode facilmente perceber pelos seus títulos: "Nós vamos para a Bahia mexer", "Mandei buscar na Bahia" etc.

Contudo, a maioria, que ela chama de "peças de Taiêiras", quer pela música africana típica, quer pelo tema das letras, é realmente tradicional:

Solo:

*Meu São Benedito  
Não quero mais crôa  
Só quero a toalha  
Que vem de Lisboa.*

Coro:

*Ai, ai, Sinhô Salvadó,  
Ai, ai, Sinhô Salvadó,  
Meu S. Benedito  
Ajudai-me sinhô.*

Solo:

*Meu S. Benedito  
Já foi cunsinhêro,  
E hoje é um santo  
Do Deus verdadêro.*

Coro:

*Ai, ai, sinhô salvadó etc.*

Solo:

*A nossa Rainha,  
Ninguém como ela,  
Saiu nas Taiêras  
De saia amarela.*

Côro:

*Olêlê, olêlê,  
Olêlê, pelo amor de Deus,  
Ô tiriri lêlê,  
Mãe de Deus.*

Solo:

*Sinhô Rei de Congo  
Não pode falá,  
Vendeu a Rainha  
Lá em Portugá*

Coro:

*Olêlê, etc.*

Parte importante da dança é a bênção da "Tia Crioula". O Mateu aboia, diz graçolas, em tom de fasete, profere a "embaiada" e se dirige ao público. A Rainha ordena:

— Chame Catirina e vamos fazê nossa festa!

E, enquanto estes saem, o coro canta:

— *Catirina e o Mateu  
A crioula vai buscá,  
A Rainha já deu orde  
Para a Crioula dançá.*

Carregada por seu pagem, vem à frente a Crioula que, entre bailado, recebe as homenagens das "africanas", de acordo com as ordens cantadas pela Rainha e respondidas pelo côro:

— *Ó Crioula, minha crioulinha,  
— Toma bênção à minha tia crioula.  
— Ó Crioula, faz a roda cheia,  
— Toma bênção à minha tia crioula.  
— Ó Crioula, minha engomadêra,  
— Toma bênção à minha tia crioula.*

Côro:

— *Cadê a Crioula que aqui não 'stá  
— Olha a tia Crioula como ela é bonita!  
— Toma a bênção à minha tia crioula.  
— No seu pano da Costa cheio de laço de fita!*

Depois de abençoadas, uma por uma, as "africanas", a Tia Creoula retira-se para o fundo do cordão. Cantam-se mais algumas cantigas antes que se faça um intervalo para o lanche ou o refresco ou para as "sortes", como nos Reisados, até que, enfim, já tarde da noite, antes da missa do galo, se entoam as despedidas entre aboiados e longos e saudosos adeuses.

Museu Théo Brandão

Cx. Postal, 145 — Campus Tamandaré

57.000 — Maceió - Al.